

A INTEGRAÇÃO DOS LUSO-AMERICANOS NOS ESTADOS UNIDOS: UMA ANÁLISE COMPARATIVA *

DULCE MARIA SCOTT

Scott, D. M. (2010), A Integração dos Luso-Americanos nos Estados Unidos: Uma Análise Comparativa. *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, 19: 327-353.

Sumário: Examinando dados censitários, a nível nacional, e baseado em novos desenvolvimentos na teoria de assimilação, este artigo, indo contra a opinião pública comum sobre esta matéria, argumenta que os luso-americanos se encontram bem integrados na sociedade americana. A nível académico, a avaliação negativa sobre a integração dos luso-americanos tem sido baseada nos princípios da teoria de assimilação clássica, que postula uma trajectória de assimilação singular e uniforme. Novos desenvolvimentos teóricos têm conceptualizado várias trajectórias de integração, dependendo a via que é vivenciada, por cada grupo, de vários atributos individuais, familiares e sociais, assim como estruturas de oportunidade e contextos de recepção. Este artigo argumenta que a integração dos portugueses e seus descendentes tem seguido uma trajectória que não é atípica para uma população de imigrantes laborais, que chegaram aos Estados Unidos com níveis de educação e de habilitações profissionais e técnicas baixas. Tendo em conta o ponto de partida, isto é, os níveis baixos de capital individual e social das populações imigrantes portuguesas, o progresso socioeconómico desta população tem decorrido com celeridade.

Scott, D. M. (2010), The Integration of Luso-Americans in the United States: A Comparative Analysis. *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, 19: 327-353.

Summary: Examining census data at the national level and based on new developments in the theory of assimilation, this paper, going against commonly held public opinion, argues that Portuguese Americans are well integrated in American society. At an academic level, this assessment has been grounded on classical assimilation theory, which postulates a singular and uniform trajectory of assimilation. New theoretical developments have conceptualized various integration trajectories. The path experienced by each group depends on various individual, family and social capital attributes, as well as opportunity structures and reception contexts. This paper argues that the integration of Portuguese immigrants and their descendents has followed a trajectory not untypical of labor immigrants, who arrive in the United States with

* O presente texto corresponde, no essencial, à conferência proferida pela autora no âmbito de uma iniciativa conjunta do Mestrado em Ciências Sociais e do Centro de Estudos Sociais da Universidade dos Açores realizado no dia 18 de Março de 2009.

low levels of education and professional and technical skills. Taking into consideration the point of departure, that is, the low levels of individual and social capital of Portuguese immigrant populations, the integration of this ethnic group has occurred at a fast pace.

Dulce Maria Scott – Department of Sociology, Social Work, and Family Science, Anderson University, 1100 East Fifth Street, Anderson, IN 46012, USA.

Palavras-chave: Integração dos luso-americanos, assimilação, assimilação segmentada, integração de imigrantes.

Key-words: Luso-Americans integration, assimilation, segmented assimilation, immigrant integration.

1. INTRODUÇÃO

Na opinião pública e na de alguns universitários, os luso-americanos não se encontram bem integrados na sociedade americana, atribuindo-se essa interpretação, normalmente, aos níveis de aculturação, educação, rendimento e participação política baixos, atingidos por imigrantes portugueses, em comparação com outros grupos étnicos, no que, hoje em dia, é conhecido como o arquipélago português no sudeste de Massachusetts. Esta interpretação também tem sido informada pelas suposições subjacentes da teoria clássica de assimilação, a qual postula uma via uniforme de assimilação intergeracional ascendente, da classe trabalhadora à classe média, baseada num nível crescente de educação de geração para geração. Hoje em dia, as suposições da teoria clássica de assimilação, assim como as interpretações feitas por esta teoria sobre as trajetórias de assimilação dos imigrantes, do fim do século XIX e início do século XX, têm sido questionadas. Por exemplo, alguns sociólogos americanos argumentam que o processo de assimilação não é uniforme, existindo várias trajetórias de integração e que a via seguida pelos filhos de alguns dos grupos de imigrantes antigos não foi caracterizada por uma assimilação ascendente da classe trabalhadora à classe média, mas sim por uma integração progressiva dos filhos dos imigrantes no âmbito da classe trabalhadora. Estes novos desenvolvimentos teóricos, assim como as interpretações de dados censitários a nível nacional, contidas neste artigo, fornecem um novo prisma, através do qual podemos examinar a experiência da integração dos imigrantes portugueses e seus descendentes nos Estados Uni-

dos. A via de assimilação vivenciada pelos luso-americanos, sob esta nova perspectiva, não é muito diferente das trajectórias seguidas por outros grupos de imigrantes manuais, que chegaram aos Estados Unidos com níveis educacionais e de habilitações profissionais e técnicas baixos.

Fornecendo uma análise de dados censitários, a nível nacional, e informado pelas teorias de assimilação clássica e de assimilação segmentada e de críticas a estas teorias, este artigo examina a integração da população portuguesa, e de ascendência portuguesa, na sociedade americana¹. Dados censitários comparativos revelam que os portugueses, apesar de se encontrarem geograficamente concentrados e de terem seguido uma modalidade de incorporação baseada em acesso a ocupações laborais, encontram-se bem integrados na sociedade americana, tendo a geração imigrante, em grande escala, lançado as gerações nascidas nos Estados Unidos, e aqueles que chegaram lá

durante a infância, numa via de mobilidade social ascendente. O acesso ao emprego, ainda no sector industrial nos Estados Unidos, vivenciado pela geração imigrante, da segunda vaga de imigração de Portugal, permitiu a esta proporcionar aos seus descendentes uma trajectória de mobilidade social ascendente, embora esse acesso talvez tivesse tido um efeito retardante no avanço académico e no empreendedorismo da população de ascendência portuguesa. Quando a economia americana entrou num processo de desindustrialização nos fins da década de 1980, os filhos dos imigrantes portugueses, em grande parte, continuaram numa via de mobilidade social ascendente, através de emprego em outros sectores económicos.

Este artigo fornece uma análise comparativa de várias dimensões de assimilação dos imigrantes portugueses e dos seus descendentes nos Estados Unidos. Analisa o nível de aculturação, integração socioeconómica, amalgamação e mobilidade espacial, esta última a nível estatal, dos luso-americanos. Em algumas destas dimensões de assimilação, o grupo de imigrantes e o grupo ancestral, composto dos imigrantes e dos seus descendentes nascidos nos Estados Unidos, serão comparados aos grupos imigrantes e de ascendência irlandesa, italiana, grega e brasileira. A nível de rendimento e de educação,

¹ Os dados censitários apresentados neste artigo, com a excepção dos relacionados com as minorias raciais, hispânica e afro-americana, foram inicialmente apresentados num artigo da autora, Scott, D. M. (2009). O artigo corrente faz uso dos mesmos dados para responder a uma questão mais específica, que reflecte a evolução do pensamento da autora sobre a polémica da integração dos luso-americanos nos Estados Unidos.

também serão comparados a dois grupos raciais minoritários: os afro-americanos e os hispânicos.

Começo por situar a imigração de Portugal no contexto dos fluxos históricos de imigração para os Estados Unidos e de seguida forneço uma revisão breve das teorias que informam esta análise: a teoria clássica de assimilação e a teoria de assimilação segmentada, assim como de algumas das críticas feitas a estas teorias. De seguida forneço uma análise da mobilidade espacial dos luso-americanos nos Estados Unidos, seguida do nível

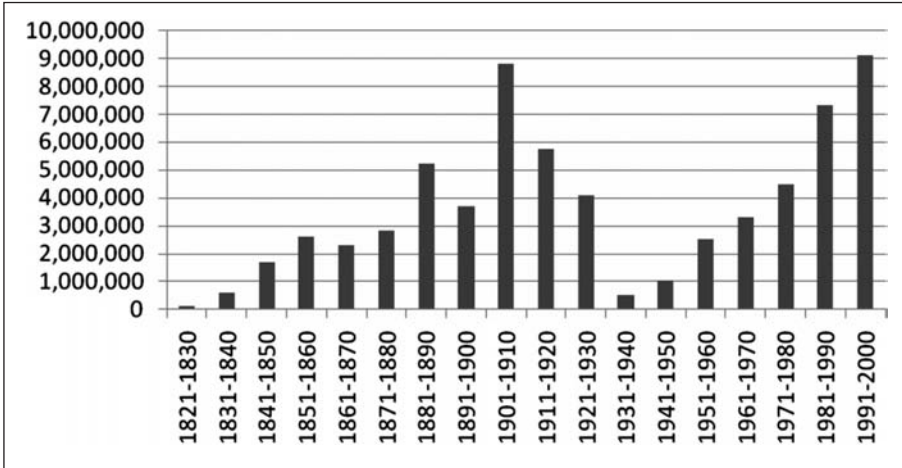
de aculturação, medido pelo uso da linguagem. Subsequentemente, abordo a assimilação estrutural, ou seja a incorporação socioeconómica, medida pelo nível de educação, de rendimento, e o tipo de profissão e ocupação exercida pelos imigrantes portugueses e os seus descendentes. Também uso a cidadania como indicador de integração estrutural. Finalmente, utilizando dados censitários sobre as ascendências múltiplas dos grupos em questão, abordo o tópico da integração biológica dos luso-americanos.

2. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

Os Estados Unidos tornaram-se independentes em 1776, e a imigração proveniente da Europa, em grande escala, teve início após 1820 (FIGURA 1). Até meados do século XIX, na primeira vaga, os imigrantes eram oriundos principalmente da Alemanha e da Irlanda. Na segunda metade do século XIX, uma segunda vaga da imigração começou e as fontes principais de imigração deslocaram-se da Europa do Norte para a Europa Oriental e do Sul. Neste período, o maior fluxo de imigrantes provinha de Itália, mas muitos vieram também da Grécia, Polónia, Rússia e Portugal. Este padrão do fluxo migratório da Europa manteve-se até à década de 1920, quando, devido ao crescimento

do antagonismo anti-imigrante e anti-católico, o governo implementou restrições à imigração, aprovando a Lei das Origens Nacionais, que reduziu o fluxo migratório a um gotejamento. Em 1965, o Congresso rectificou uma nova lei, que abriu a imigração a todos os países do mundo e estabeleceu um sistema de preferências baseado na reunificação de famílias e nas necessidades de emprego dos Estados Unidos. Outras categorias de preferência foram estabelecidas para imigrantes diversos, refugiados e asilados, bem como programas de trabalho temporário. Nesta terceira vaga de imigração para os Estados Unidos, os imigrantes têm sido oriundos principalmente da América Latina e da

FIGURA 1
Imigração para os Estados Unidos, por década



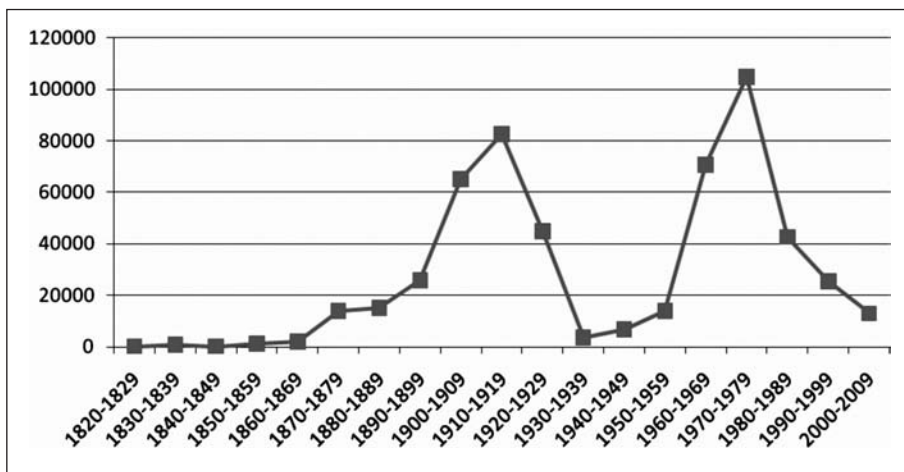
FONTE: Yearbook of Immigration Statistics.

Ásia. Actualmente, o maior grupo ancestral nos Estados Unidos é ainda alemão, seguido do irlandês e inglês. Em 1990, os portugueses foram classificados como o vigésimo nono maior grupo ancestral do país.

A imigração de Portugal para os Estados Unidos iniciou-se, em números significativos, a meados do século XIX, ocorrendo em duas vagas principais, a primeira no fim do século XIX e início do século XX e a segunda a partir da década de 1950 (FIGURA 2). No século XIX, a emigração dos Açores e a formação de comunidades portuguesas nos Estados Unidos estiveram inicialmente ligadas à caça à baleia. Após o declínio da indústria

baleeira, os Portugueses foram atraídos à Nova Inglaterra pela indústria têxtil de algodão, e, depois da década de 1960, por uma base industrial mais diversificada. Na Califórnia, a agricultura e pesca proporcionaram as fontes principais de emprego para os imigrantes portugueses. Após a ratificação da lei das Origens Nacionais no início da década de 1920, seguido pela grande recessão económica de 1930 e a segunda guerra mundial na década de 1940, a imigração de Portugal entrou em declínio até aos últimos anos da década de 1950, altura em que a emigração resultante do desastre dos Capelinhos, no Faial, teve início. Esta segunda vaga de imigração portuguesa

FIGURA 2
Imigração de Portugal para os Estados Unidos



FONTE: Office of Immigration Statistics, 2006 Yearbook of Immigrant Statistics.

para os Estados Unidos aumentou após a rectificação da lei da imigração em 1965. No início da década de 1980, a imigração de Portugal atingiu um zénite, mas entrou num declínio rápido a partir dos últimos anos da década de 1980. A imigração da Grécia seguiu um modelo semelhante à de Portugal, e a do Brasil começou a ocorrer em números significativos só no século XX, tendo aumentado rapidamente nas últimas duas décadas. Nas décadas de 1960 e de 1970, os Estados Unidos ainda eram uma sociedade industrial, mas já se encontravam numa fase de transição para o pós-industrialismo, alta tecnologia e informação. Quando os portugueses

chegaram à Nova Inglaterra após os anos de 1960, ainda encontraram emprego em abundância em ocupações desqualificadas, mas bem remuneradas e estáveis, no sector industrial da economia e em actividades relacionadas a este sector. Algumas décadas depois, a desindustrialização e um declínio na indústria da pesca, geraram percas ocupacionais maciças para os luso-americanos da Nova Inglaterra. Actualmente, os imigrantes que chegam sem habilitações educacionais e profissionais enfrentam uma estrutura de oportunidades muito diferente, com possibilidade de emprego principalmente no sector secundário e informal da economia.

3. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

O estudo sociológico da sedentarização de imigrantes na América começou nos anos de 1920, no departamento de sociologia da Universidade de Chicago. O declínio abrupto dos fluxos migratórios após a ratificação da lei das Origens Nacionais no início da década de 1920, seguido da grande recessão económica de 1930 e a segunda guerra mundial na década de 1940, gerou uma demarcação entre as gerações imigrantes e as gerações nascidas na América, ficando estas últimas cada vez mais distantes das suas origens imigrantes (WATERS and JIMÉNEZ, 2005). Esta demarcação, assim como os altos níveis de mobilidade social ascendente – permitida pela grande prosperidade industrial nos Estados Unidos após a segunda guerra mundial – tiveram um impacto na conceptualização da teoria de assimilação, que culminou em 1964, com a formulação de Milton Gordon, da teoria que hoje em dia é conhecida como a teoria clássica de assimilação. A teoria clássica de assimilação postula uma economia unificada, na qual os imigrantes começam na base da pirâmide ocupacional e gradualmente sobem de posição num processo intergeracional, caracterizado por níveis de aceitação social progressivamente mais elevados (WILSON e PORTES, 1980: 295). Este processo, composto

de várias etapas de assimilação crescente, geralmente completa-se em três gerações. De acordo com esta teoria, a assimilação consta não só de uma aculturação crescente, levando a uma mudança de entidade, a nível psicológico de cidadão do país de origem, a étnico e depois a americano, mas também de uma ascensão socioeconómica intergeracional desde a classe operária, no plano da geração imigrante, a ocupações profissionais e administrativas, da classe média, na terceira geração. Esta teoria tem, naturalmente sido submetida a muitas críticas, demasiadas, para rever no âmbito deste artigo.

Com a transformação da economia dos Estados Unidos para uma economia dual, com uma estrutura de mercado de trabalho dual, a postulação da teoria clássica de assimilação que cada geração sucessiva vivenciaria uma mobilidade social ascendente, à medida que o nível de educação dos descendentes dos imigrantes aumentava, tem sido questionada. Após o movimento dos direitos civis da década de 1960 e a proscricção da discriminação individual, esperava-se que os grupos minoritários, historicamente excluídos na América, bem como os novos imigrantes, passariam por um processo de integração socioeconómica, semelhante à que, de acordo

com a teoria, tinha ocorrido com os descendentes dos imigrantes do século XIX e início do século XX. Entretanto, sociólogos desenvolveram o conceito da teoria do mercado de trabalho segmentado ao verificarem a existência de pessoas que não conseguiam sair da pobreza nos centros das cidades americanas (ver BONACICH, 1972, entre outros). Economistas, por seu turno, desenvolveram o conceito da economia dual, com os sectores formal ou primário e informal ou secundário (AVERITT, 1968 e GALBRAITH, 1971). Os dois conceitos, em combinação, levaram à formulação do conceito do mercado de trabalho dual (ver WILSON e PORTES, 1980). O sector secundário da economia, que incorpora muitos membros de grupos étnicos minoritários, proporciona um mercado de trabalho por vezes informal, precário, desqualificado, instável e de assalariamento baixo. O sector primário é composto de empresas de grande escala, instituições de pesquisa, hospitais, e universidades públicas e privadas.

Na sua obra seminal, Julius WILSON (1980, 1987 e 1996) argumentou que a mobilidade social ascendente vivida pelos descendentes dos imigrantes antigos foi baseada no acesso da geração imigrante a um mercado de trabalho estável, de baixas qualificações, mas bem remunerado, no sector industrial da economia ameri-

cana. Porém, de acordo com WILSON, devido à transformação que se estava a verificar na economia americana, afro-americanos pobres e os imigrantes novos, de origens raciais e culturais diversificadas, que se estavam a instalar nos centros das cidades Americanas – com acesso apenas a trabalhos no sector secundário da economia – não teriam a capacidade de lançar os seus descendentes, numa trajectória intergeracional de mobilidade social ascendente. Uma classe baixa, permanentemente marginalizada, composta principalmente de afro-americanos pobres e alguns dos novos imigrantes, tinha-se tornado uma realidade na América.

Posteriormente ao trabalho de WILSON, a teoria de assimilação segmentada surgiu, e esta, inicialmente, conceptualizou três trajectórias de assimilação possíveis para os imigrantes actuais e os seus descendentes (PORTES, 2006; PORTES *et al.*, 2005; PORTES e RUMBAUT, 2006; PORTES e ZHOU, 1993; ZHOU, 1997). Numa dessas trajectórias verifica-se uma aculturação crescente e integração paralela à da classe média branca (assimilação clássica). Uma outra trajectória associa um processo de integração económica rápido com a preservação deliberada dos valores e da solidariedade étnica nas comunidades imigrantes (pluralismo parcial, aculturação selectiva ou aditiva). Outra trajectória conduz

directamente, em direcção oposta, à pobreza permanente e assimilação dissonante, isto é, contrária aos valores dos pais, na cultura de oposição das classes baixas permanentes (assimilação descendente). A assimilação descendente tem sido medida utilizando indicadores como as taxas de abandono escolar, de detenção de jovens, gravidez de adolescentes, e de desemprego juvenil, entre outras. Num artigo recentemente publicado, tendo em conta críticas (revistas abaixo) feitas à teoria de assimilação segmentada, PORTES *et al.* (2009), adicionaram outra trajectória, a de estagnação, na qual os filhos de certos imigrantes manuais replicam a posição socio-económica dos pais, não conseguindo avançar para além de ocupações de trabalho manual subordinado. Segundo a teoria de assimilação segmentada, numa economia cada vez mais bifurcada, os filhos de imigrantes profissionais seguirão ou a primeira ou a segunda trajectória, acima especificadas. Os filhos de imigrantes manuais, principalmente os que defrontam um contexto de recepção negativo nos Estados Unidos, em combinação com estruturas familiares e sociais fracas, estarão mais aptos a seguirem a duas últimas trajectórias, acima especificadas, a de estagnação em trabalho manual subalterno ou a de mobilidade social descendente. Contudo, em certas comunidades de

imigrantes manuais, a tendência para a estagnação e para a assimilação descendente poderá ser mitigada se a comunidade mantiver valores e solidariedade organizacional étnica, isto é, um nível de capital social denso que possa proteger a segunda geração dos efeitos negativos da cultura de oposição da sociedade americana.

Tanto a teoria clássica de assimilação como a teoria de assimilação segmentada têm sido submetidas a várias críticas. Há um debate vigente nos Estados Unidos, entre os sociólogos que se debruçam sobre a etnicidade, acerca da trajectória da segunda geração de hoje, e se esta trajectória é comparável à da segunda geração do início do século 20.

WALDINGER (2007) questiona a importância que a teoria clássica de assimilação e a teoria de assimilação segmentada atribuem ao acesso, pela primeira geração, a emprego nas fábricas, como base para a trajectória de mobilidade ascendente. WALDINGER argumenta que tal como a segunda geração actual, as segundas gerações dos fins do século XIX e inícios do século XX, vivenciaram trajectórias de assimilação múltiplas. Por exemplo, uma análise mais profunda do censo de 1970 indica que os filhos dos imigrantes italianos, no seu processo de incorporação na economia americana, não recorreram ao emprego em fábricas, atingindo uma mobilidade

social ascendente através de emprego em outros sectores da economia. WALDINGER e FELICIANO (2004) também questionam uma das premissas centrais da teoria de assimilação segmentada, a de assimilação descendente. Argumentam, por exemplo, que a assimilação descendente não está a ocorrer entre os mexicano-americanos, que são a principal fonte de trabalho manual imigrante nos Estados Unidos. De acordo com estes sociólogos, em geral, a trajetória dos filhos dos imigrantes mexicanos actuais, é consistente com aquela vivenciada pelos filhos dos imigrantes antigos, caracterizando-se por uma mobilidade socioeconómica ascendente progressiva. Tendo um nível de aculturação mais elevado do que o dos pais, conseguem obter posições de maior relevo e renumeração, mas dentro do âmbito das classes trabalhadoras e média baixa. Baseados nas críticas de WALDINGER, podemos adicionar às duas vias de assimilação ascendente, especificadas acima (a clássica e a de aculturação selectiva), uma terceira trajetória, a de um progresso gradual de assimilação ascendente, dentro do âmbito das classes trabalhadora e média baixa.

Qual tem sido a trajetória de assimilação seguida pelos luso-americanos? A experiência da imigração e sedentarização portuguesa é semelhante à dos imigrantes europeus mais anti-

gos, com uma modalidade de incorporação tradicional, caracterizada por entrada em ocupações no sector industrial, pelo menos até à desindustrialização massiva das décadas de 1980 e 1990. Adicionalmente, dentro da construção actual do conceito de raça na América, os portugueses são considerados brancos e, como tal, não enfrentam barreiras raciais à integração social, económica e biológica na sociedade americana. Em que medida é que o acesso da primeira geração a ocupações estáveis no sector industrial da economia americana, até à década de 1990, complementada por estruturas normativas e familiares fortes, lhes tornou possível lançar as gerações nascidas na América numa das trajetórias de mobilidade socioeconómica ascendente? Como foi a segunda geração luso-americana afectada pela desindustrialização que se começou a verificar nos Estados Unidos a partir da década de 1980? Será que a perda de empregos no sector industrial, levou a segunda geração a vivenciar uma modalidade de assimilação ou de estagnação ou descendente? Ou será que continuaram numa via de mobilidade social ascendente, incorporando-se em outros sectores da economia americana?

Abaixo, abordo estas questões a nível agregado, mas seria interessante a realização de um estudo mais profundo, com o indivíduo como unidade

de análise, sobre o tipo de integração que está a ser vivenciada pelos filhos e netos dos imigrantes portugueses do pós-1960.

O processo da assimilação tem sido conceptualizado como tendo várias dimensões (ver MARGER, 2000). Examinarei vários indicadores, do censo decenal dos Estados Unidos e dos Inquéritos às Comunidades, que têm sido utilizados nesta área de pesquisa para medir o nível de assimilação de certos grupos populacionais. Farei uma análise comparativa dos dados para os grupos imigrante e ancestral portugueses, com os dados para os mesmos grupos de irlandeses, italianos, gregos e brasileiros. Seleccionei estes grupos baseada na ordem cronológica em que começaram a imigrar para os Estados Unidos – os irlandeses primeiro, seguidos pelos italianos, portugueses e gregos, simultaneamente, e por último, os brasileiros.

Para fins comparativos, usarei também os dados relacionados com a educação e o rendimento dos afro-americanos e hispânicos.

Os indicadores de assimilação adequados para a análise dos dados censitários, utilizados em estudos recentes são: (1) concentração espacial, ou seja, a dissimilaridade da distribuição espacial e suburbanização, como indicador de assimilação cultural e estrutural; (2) capacidade linguística no inglês e perda da língua materna como um indicador de aculturação; (3) estatuto socioeconómico, ou seja, o nível educacional, ocupacional e de rendimento, como medidas de assimilação económica ou estrutural secundária; (4) e a taxa do casamento inter-étnico como um indicador de amalgamação (WATERS e JIMÉNEZ, 2005). Usarei um indicador adicional da assimilação estrutural, o das taxas de cidadania dos imigrantes.

1. ANÁLISE COMPARATIVA DE DADOS CENSITÁRIOS

1.1. CONCENTRAÇÃO GEOGRÁFICA

A teoria clássica de assimilação sustenta que os imigrantes inicialmente fixam-se na mesma área geográfica para poderem beneficiar de apoio mútuo, mas que eventualmente, e, particularmente os seus filhos, dispersam-se, seguindo padrões de mobili-

dade espacial semelhantes aos que são exibidos pela população maioritária. Ao dispersarem-se “vão encontrando residência entre pessoas americanas de língua inglesa, à medida que se vão familiarizando com a cultura do país, encontrando empregos melhores

e ganhando mais dinheiro” (ALLEN e TURNER, 1996: 140). A um nível global, portanto, o nível da assimilação pode ser aferido através da “assimilação espacial”.

No entanto, outros acadêmicos (e.g., PORTES e RUMBAUT, 2006; WALDINGER, 2007), notando que a dispersão espacial de imigrantes mais antigos, como os irlandeses e os italianos, não tem ocorrido ao nível postulado pela teoria, têm criticado o conceito de assimilação espacial. A persistência dessa concentração espacial talvez se deva às vantagens econômicas,

políticas e psicológicas que podem ser derivadas do acesso a recursos étnicos. A concentração geográfica, no entanto, não impede a assimilação, como é exemplificado pelo nível elevado de assimilação atingido pelas populações étnicas de ascendência imigrante mais antiga.

O QUADRO 1 utiliza dados dos censos de 1980, 1990 e 2000. Embora existam pessoas de ascendência portuguesa em todos os cinquenta estados americanos, os dados do Quadro 1 indicam que os luso-americanos continuam a viver em estados de alta

QUADRO 1
Ascendência portuguesa por Estado

	1980	1990	Mudança Percentual 1980-1990	2000	Mudança Percentual 1990-2000
Califórnia	320.832	356.495	11,1	330.810	-7,2
Massachusetts	270.557	289.424	7,0	279.513	-3,4
Rhode Island	90.046	94.650	5,1	91.387	-3,4
New Jersey	49.376	63.188	28,0	72.193	14,3
Flórida	19.121	32.345	69,2	48.957	51,4
Hawaii	57.541	57.125	-0,7	48.521	-15,1
Connecticut	38.873	43.098	10,9	44.695	3,7
New York	42.876	44.090	2,8	43.829	-0,6
Washington	9.895	13.215	33,6	17.200	30,2
Texas	9.031	13.304	47,3	16.552	24,4
Oregon	9.555	11.369	19,0	14.674	29,1
Pennsylvania	11.187	12.770	14,2	13.566	6,2
New Hampshire	5.898	10.199	72,9	13.094	28,4
Virgínia	6.707	10.818	61,3	12.022	11,1
Arizona	4.674	7.338	57,0	11.599	58,1
Nevada	5.464	8.246	50,9	11.210	35,9
All other states	73.045	85.677	17,3	106.793	24,6

FONTE: U.S. Census Bureau: United States Censuses, 1980, 1990 and 2000.

concentração étnica, como a Califórnia, Massachusetts, Rhode Island, e New Jersey. Mais de 72 por cento dos luso-americanos vivem nestes quatro estados. Adicionalmente, dentro de cada estado, a população tende a estar concentrada em determinadas áreas, como é exemplificado pelo que veio a ser conhecido como o arquipélago português em Massachusetts, ou seja a zona sudeste deste estado, dentro da qual, em certas áreas, a população portuguesa atinge mais de 20 por cento da população total. Esta área inclui vinte e uma cidades e vilas nos condados de Bristol e Plymouth (BORGES, 2005). A concentração espacial da população luso-americana não impedirá o processo de assimilação contínua desta população, tal como não impediu a assimilação de outros grupos étnicos.

Simultaneamente, há um movimento para fora dos estados de instalação tradicionais, ocorrendo o movimento mais elevado para a Florida, para onde a população imigrante mais idosa se tem deslocado, depois da reforma. Estados do sul e sudoeste, como Texas, Nevada e Arizona, têm visto aumentos significativos da população de ascendência Portuguesa, assim como dois estados do noroeste, Oregon e Washington. Os luso-americanos estão a movimentar-se para os estados para onde outros americanos se estão a movimentar,

e, como tal, exibem um padrão de mobilidade espacial semelhante ao da população geral dos Estados Unidos. Nas áreas de concentração geográfica dentro de cada estado, os luso-americanos continuam a mudar-se dos guetos étnicos para os subúrbios, onde a assimilação tende a ocorrer a um nível mais rápido. Os que ficam atrás, nos guetos tradicionais, talvez estejam a vivenciar uma trajetória de assimilação descendente.

Nas áreas tradicionais de concentração espacial étnica os imigrantes e seus descendentes continuarão a reproduzir uma cultura luso-americana vibrante que servirá como um fulcro de identificação étnica por muitos anos. De notar é a edificação de vários monumentos associados com a cultura portuguesa, incluindo as estátuas do Príncipe Henrique em New Bedford e Fall River, a estátua ao imigrante em Dartmouth, a réplica das portas da cidade de Ponta Delgada em Fall River e o monumento aos exploradores portugueses em Newport.

Alguns observadores mantêm que os governos portugueses e açoriano, ao subsidiarem a construção destes monumentos – e através de outras iniciativas que tentam reforçar a ligação dos imigrantes à terra natal – contribuem para um retardamento da assimilação dos luso-americanos nos Estados Unidos. Porém, o facto de os luso-americanos terem hoje em

dia (e não antes) a capacidade de se mobilizarem e adquirirem os recursos económicos necessários para a construção de símbolos da sua etnicidade nos Estados Unidos, indica que atingiram um nível maior de incorporação e sucesso na sociedade acolhedora. Para além disso, que significado terão estes símbolos da cultura luso-americana para as gerações nascidas na América? Ao longo dos anos, e com níveis decrescentes de imigração de Portugal, a cultura luso-americana tornar-se-á cada vez mais americanizada e passará a fazer parte do fabrico cultural maioritário nas regiões onde os luso-americanos se encontram concentrados. A etnicidade luso-ame-

ricana, com a passagem do tempo, ficará mais diluída e tomará um contorno simbólico para os descendentes dos imigrantes chegados aos Estados Unidos a partir de 1960.

GANS (1979) desenvolveu o conceito da “eticidade simbólica”. Para os americanos brancos esta tem a ver com os símbolos da etnicidade, como comer comida étnica, participar em festivais, e talvez apoiar questões políticas relacionadas com o país de origem. Nesta fase, porém, a herança étnica torna-se periférica, não tendo um impacto real na vida quotidiana das pessoas, mesmo que estas não abandonem totalmente a sua identidade étnica.

4.2. ACULTURAÇÃO

A aculturação, ou seja a adopção de aspectos da cultura do país de acolhimento, que facilitam a sobrevivência e adaptação à vida nesse país, é uma primeira etapa no processo de assimilação. O censo dos Estados Unidos

fornece dados sobre um indicador da aculturação – o uso de linguagem e a capacidade de falar em inglês.

Sociólogos identificaram um modelo de três gerações de assimilação linguística. A língua de origem continua

QUADRO 2
Uso de linguagem: imigrantes

	Brasil	Portugal	Grécia	Itália	Irlanda
População de 5 anos e mais velha	209.420	202.685	165.395	472.465	156.155
Falam só inglês	8,7	10,7	10,9	21,1	88,8
Falam uma língua diferente do inglês	91,3	89,3	89,1	78,9	11,2
Falam inglês a nível menor do que “muito bem”	49,1	52,6	44,8	40,5	2,3

FONTE: U.S. Census Bureau, Census 2000 Special Tabulations (STP-159).

dominante para a geração imigrante, os seus filhos são bilingues, e os seus netos falam apenas em inglês (WATERS e JIMÉNEZ, 2005: 110).

Aqueles que nasceram no Brasil, não surpreendentemente, dado que são, em grande medida, imigrantes muito recentes, exibem o nível mais baixo de aculturação, seguido pelos portugueses (ver o QUADRO 2). Os portugueses e os gregos têm níveis semelhantes de utilização do inglês, enquanto os ita-

lianos demonstram um nível de aculturação mais elevado. Os irlandeses, obviamente, não podem ser utilizados para fins de comparação, ao longo deste indicador, porque são oriundos de um país de idioma inglês.

Quanto ao grupo ancestral inteiro (imigrantes e seus descendentes), os luso-americanos exibem um nível muito mais elevado de aculturação do que os brasileiros (QUADRO 3), tendo um nível comparável ao dos

QUADRO 3
Uso de linguagem: grupo ancestral

	USA	Brasil	Portugal	Grécia	Itália	Irlanda
População de 5 anos e mais velha	279.012.712	313.436	1.341.754	1.282.572	16.512.242	33.681.126
Falam só inglês	80,3	15,0	73,1	71,3	92,3	97,5
Falam uma língua diferente do inglês	19,7	85,0	26,9	28,7	7,7	2,5
Falam inglês a nível menor do que "muito bem"	8,7	45,3	10,4	7,4	2,0	0,4

FONTE: U.S. Census Bureau, 2006 American Community Survey.

gregos, com os quais os portugueses compartilham padrões de imigração semelhantes. Estes dois grupos são um pouco menos aculturados do que o italiano, e isso seria de esperar dado que os italianos imigraram em números muito elevados no fim do século XIX e início do século XX.

Previsões feitas em estudos sobre a perda da língua materna, de geração para geração, são apoiadas por estes dados. Apenas 26,9 por cento das

pessoas de ascendência portuguesa nos Estados Unidos falam uma língua diferente do inglês e isto leva-me à conclusão de que as pessoas de ascendência portuguesa têm alcançado um nível elevado de aculturação neste país. Visto que os imigrantes são 18,8 por cento do grupo ancestral, esta perda da língua portuguesa ainda é mais profunda do que parece à primeira vista.

4.3. A INTEGRAÇÃO SOCIOECONÓMICA

Nesta secção, começo por analisar o nível de educação, seguido do nível de rendimento e taxas de pobreza, e, subsequentemente, da estrutura ocupacional e taxas de cidadania.

4.3.1. NÍVEL DE EDUCAÇÃO

O QUADRO 4 apresenta dados sobre o nível educacional dos grupos étnicos considerados neste artigo, do censo de 2000 para os imigrantes nascidos no estrangeiro e do inquérito às comunidades americanas de 2006 para os grupos ancestrais. Também inclui dados para dois grupos minoritários nos Estados Unidos, os hispânicos e afro-americanos. Com excepção dos brasileiros, o nível de escolaridade é maior para os grupos ancestrais do que para os grupos de imigrantes. Dos que nasceram no estrangeiro, os portugueses têm o nível mais baixo de escolaridade, enquanto aqueles

QUADRO 4
Nível de educação adquirido – População de 25 anos e de mais idade

		Imigrantes 2000 – Percentagem	Grupo Ancestral 2006 – Percentagem
Brasil	Liceu completo ou mais elevado	80,2	84,0
	Bacharelado ou mais elevado	32,0	29,2
Portugal	Liceu completo ou mais elevado	42,9	81,2
	Bacharelado ou mais elevado	7,3	21,7
Grécia	Liceu completo ou mais elevado	59,9	88,1
	Bacharelado ou mais elevado	19,8	38,0
Itália	Liceu completo ou mais elevado	53,7	90,4
	Bacharelado ou mais elevado	13,8	32,0
Irlanda	Liceu completo ou mais elevado	78,3	91,0
	Bacharelado ou mais elevado	24,0	31,1
		U.S. 2000	U.S. 2006
Estados Unidos	Liceu completo ou mais elevado	80,4	84,1
	Bacharelado ou mais elevado	24,4	27,0
Hispânicos	Liceu completo ou mais elevado	52,4	59,9
	Bacharelado ou mais elevado	10,4	12,3
Afro-americanos	Liceu completo ou mais elevado	72,3	79,3
	Bacharelado ou mais elevado	14,3	16,8

FONTE: U.S. Census Bureau, Census 2000 Special Tabulations (STP-159) and 2006 American Community Survey.

que nasceram no Brasil têm o nível mais elevado, seguido de perto por aqueles que nasceram na Irlanda.

As gerações luso-americanas nascidas nos Estados Unidos têm um grau de educação bastante superior ao da geração imigrante. O grupo ancestral português, o qual inclui as gerações imigrantes e as nascidas nos Estados Unidos, encontra-se a um patamar educacional bastante mais elevado do que o dos hispânicos e um pouco acima dos afro-americanos, embora ainda não tenham atingido um nível equivalente ao dos outros três grupos ancestrais de países europeus, considerados neste artigo.

Os imigrantes brasileiros, gregos, italianos e irlandeses, das últimas décadas, chegaram aos Estados Unidos com um nível de educação mais elevado do que o dos imigrantes portugueses, reflectindo este fenómeno um modelo de migração internacional bipolar e modalidades de inserção no mercado de trabalho de imigrantes manuais, por um lado, e de imigrantes profissionais, pelo outro. A imigração de Portugal tem sido, caracteristica-

mente, destinada a uma inserção no mercado de trabalho manual nos Estados Unidos.

A diferença considerável nos níveis educacionais atingidos pelo grupo imigrante e o grupo ancestral reflectem um progresso bastante significativo no nível de educação dos luso-americanos nos Estados Unidos. Os indicadores educacionais, como tal, reflectem uma integração ascendente na sociedade americana.

No “arquipélago” português, no sudeste de Massachusetts, a taxa de conclusão do liceu aumentou 23,3 por cento de 1980 a 2000, para as pessoas de ascendência portuguesa (BORGES, 2005: 24). Ao nível universitário, no entanto, o aumento no número de Portugueses a obterem um bacharelado é muito baixo, a uma taxa de 9.7 por cento (BORGES, 2005: 25). É necessário considerar-se que o “arquipélago” português é uma área em declínio económico e é possível que muitos dos luso-americanos, que obtiveram diplomas universitários, tenham saído da área, não se encontrando a viver lá quando o censo foi efectuado.

4.3.2. RENDIMENTO

Verifica-se, no QUADRO 5, que os níveis de rendimento mediano dos portugueses é semelhante ao dos outros grupos imigrantes europeus considerados neste artigo e conside-

ravelmente mais elevado do que o dos brasileiros. É de notar, porém, que os imigrantes portugueses têm uma percentagem mais elevada, do que os outros grupos, no rendimento entre

QUADRO 5
Rendimento e taxas de pobreza dos imigrantes

Rendimento em 1999	Brasil	Portugal	Grécia	Itália	Irlanda
Número de residências	77.765	97.830	89.845	266.695	82.750
Menos de \$10,000	12,6	8,2	9,2	10,1	7,8
\$10,000 to \$14,999	6,0	5,2	6,1	8,1	6,3
\$15,000 to \$24,999	12,6	10,1	11,0	13,4	11,5
\$25,000 to \$34,999	13,3	11,1	10,5	11,2	10,8
\$35,000 to \$49,999	17,9	16,8	13,8	13,8	13,6
\$50,000 to \$74,999	18,0	24,3	19,1	17,8	18,5
\$75,000 to \$99,999	9,1	13,1	12,0	10,9	12,8
\$100,000 to \$149,999	6,3	8,1	10,9	9,2	11,6
\$150,000 to \$199,999	1,8	1,8	3,3	2,7	3,7
\$200,000 ou mais	2,3	1,5	4,0	2,7	3,3
Rendimento residencial mediano (dólares)	38.570	48.805	49.184	42.090	49.780
Média salarial (dólares).	52.794	58.599	67.505	64.226	69.653
Rendimento familiar mediano (dólares)	41.148	53.500	57.280	53.885	65.318
Percentagem de famílias pobres	14,0	5,3	6,3	5,1	3,0

FONTE: U.S. Census Bureau, Census 2000 Special Tabulations (STP-159).

\$35.000 e \$100.000. O nível de participação mais elevado dos imigrantes portugueses em áreas de actividade tradicionais na indústria transformadora e ocupações relacionadas a esta (ver o Quadro na próxima secção deste artigo), explica os rendimentos, em média, mais elevados, apesar do grau de escolaridade mais baixo dos imigrantes portugueses. Porém, talvez devido a níveis de formação mais baixos, os portugueses têm a percentagem mais baixa de agregados residenciais com um vencimento acima

de \$200,000 o que, por seu turno, os faz ter medias de rendimento um pouco mais baixas do que a dos outros imigrantes da Europa.

Os dados sobre a pobreza indicam que a taxa de pobreza dos imigrantes portugueses é semelhante à dos italianos e à dos gregos. Os imigrantes brasileiros têm uma taxa de pobreza consideravelmente mais elevada do que a dos outros cinco grupos imigrantes. É possível que os imigrantes brasileiros, que chegam hoje em dia, tenham maior probabilidade de vivenciarem

uma assimilação segmentada, com acesso, primariamente, a trabalhos no sector secundário da economia.

Dados do Inquérito as Comunidades Americanas de 2006 mostram que todos os grupos ancestrais usufruem de um rendimento residencial mais elevado do que o da média nacional, verificando-se que os gregos têm o nível de rendimento mais alto e os brasileiros o mais baixo (QUADRO 6). O rendimento residencial mediano dos luso-americanos é ligeiramente mais baixo do que o dos gregos e dos italianos americanos, mas é mais elevado do que o rendimento dos irlandeses americanos. As famílias de ascendência brasileira têm níveis de rendimento médios abaixo da média nacional, mas os grupos com raízes

européias têm um rendimento familiar acima da média nacional, novamente com famílias gregas a usufruírem de um rendimento mediano mais elevado. Quanto às taxas de pobreza, os cinco grupos encontram-se em melhor situação do que a média nacional, mas os de ascendência brasileira têm uma taxa de pobreza mais elevada do que a dos grupos europeus. Os luso-americanos têm uma taxa de pobreza ligeiramente mais elevada do que a dos grupos ancestrais grego, italiano e irlandês. Comparados a dois dos grupos raciais minoritários nos Estados Unidos, os hispânicos e os afro-americanos, os Portugueses encontram-se numa posição económica muito mais positiva.

QUADRO 6
Rendimento e taxas de pobreza: grupos ancestrais

	EUA	Brasileiro	Português	Grego	Italiano	Irlandês	Hispânico	Afro-Americano
Rendimento residencial mediano (dólares)	48.451	49.878	57.452	60.200	59.877	54.531	37.852	33.407
Rendimento familiar mediano (dólares)	58.562	50.863	67.299	74.361	73.066	67.889	41.165	39.464
Taxas de pobreza								
Todas as famílias	9,8	8,2	6,2	5,0	5,5	6,0	19,3	21,8
Todas as pessoas	13,3	11,2	8,2	7,9	7,9	8,6	21,5	25,3

FONTE: U.S. Census Bureau, 2006 American Community Survey.

Os níveis de rendimento e a taxa de pobreza dos luso-americanos indicam que este grupo étnico não tem vivido uma trajectória de assimilação descendente nos Estados Unidos. Os imigrantes portugueses e os seus descendentes estão a aproximar-se dos

níveis de rendimento de outros grupos ancestrais, com raízes na imigração do século XIX e início do século XX, e isto pode levar-nos a argumentar que os luso-americanos alcançaram paridade de rendimento na sociedade americana.

4.3.3. OCUPAÇÕES

Segundo PORTES e RUMBAUT (2006: 91), actualmente, e no contexto de uma economia dual, só existem duas trajectórias que possibilitam a obtenção de sucesso económico, legalmente, na América. A primeira é a via profissional/administrativa assalariada; a segunda é a do empreendedorismo independente. Os imigrantes portugueses não se encontram envolvidos em grande escala nestas duas áreas de actividade.

Os imigrantes da Irlanda, a 41,1 por cento, estão envolvidos em actividades directivas, profissionais, e outras relacionadas a estas, em maior escala do que os imigrantes dos outros grupos (QUADRO 7). Os imigrantes portugueses, a 17,6 por cento, têm o nível mais baixo de envolvimento nesta categoria ocupacional, seguidos pelos brasileiros, italianos e gregos. Encontra-se a maior percentagem de brasileiros nas actividades do sector dos serviços, ao passo que os portugueses e os irlandeses tem o menor grau de envolvimento neste tipo de ocupação.

Os imigrantes portugueses têm o nível mais alto de envolvimento na agricultura, pesca e silvicultura, assim como na fabricação, produção, transporte, movimento de materiais e construção, mas têm o nível mais baixo de envolvimento na área da informação. Os portugueses têm a percentagem mais alta de trabalhadores por conta de outro e a percentagem mais baixa de funcionários públicos, assim como de trabalhadores por contra própria e empresários. Acesso a um mercado de trabalho estável e bem remunerado no sector industrial da economia americana antes da desindustrialização maciça dos últimos anos da década de 1980, talvez tenha contribuído para um retardamento no nível de empreendedorismo dos imigrantes portugueses.

Em relação aos grupos ancestrais, (QUADRO 8) os modelos mostram uma integração progressiva e a mobilidade ascendente dos imigrantes portugueses e dos seus descendentes.

QUADRO 7
Estrutura ocupacional: imigrantes

	Brasil	Portugal	Grécia	Itália	Irlanda
População civil empregada com 16 anos ou mais	117.015	116.675	85.815	199.530	81.685
OCUPAÇÃO					
Gestão profissional e ocupações relacionadas	27,2	17,6	37,5	30,8	41,1
Serviços	30,3	16,5	20,7	18,7	15,9
Vendas e escritório (ou sede)	19,4	19,2	18,7	21,7	21,7
Agricultura, pesca, e silvicultura	0,3	1,3	0,2	0,2	0,1
Construção, extracção, e manutenção	11,0	16,2	10,7	12,0	14,4
Produção, transporte, e movimento de material	11,8	29,1	12,2	16,6	6,8
INDÚSTRIA					
Agricultura, silvicultura, pesca, caça, e mineração	0,6	2,3	0,4	0,4	0,6
Construção	9,4	13,1	8,7	9,3	13,7
Manufacturarão	9,3	28,6	10,5	15,1	7,7
Vendas a bruto e a retalho	12,5	12,8	13,7	14,7	10,0
Transporte, armazenamento e utilidades	4,8	3,5	4,0	4,6	4,4
Informação	3,0	1,3	1,6	2,2	3,5
Finanças, seguros, imobiliária e aluguer de longa duração	5,3	5,5	6,3	7,1	9,7
Profissão científica, gestão administrativa e serviços de gestão de desperdício	13,4	6,9	6,9	8,1	11,5
Educação, saúde e serviços sociais	13,4	12,8	14,2	16,4	20,6
Artes, entretenimento, recreio, acomodação e serviço de alimentação	14,8	5,7	24,8	11,6	8,9
Outros serviços (excepto administração pública)	11,6	5,7	6,6	7,5	6,5
Administração pública	1,8	1,8	2,3	2,9	3,0
CLASSE DE TRABALHADOR					
Trabalhadores por conta de outros	79,8	86,4	76,5	78,0	80,2
Funcionários públicos	7,1	6,8	9,5	11,9	10,1
Trabalhadores por conta própria, sem negócio incorporado	12,8	6,6	13,5	9,7	9,3
Pessoas de família não pagas	0,3	0,2	0,5	0,4	0,3

FONTE: U.S. Census Bureau, Census 2000 Special Tabulations (STP-159).

A escala à qual os luso-americanos estão envolvidos em actividades directivas encontra-se a 31,3 por cento, que embora ainda mais baixa da que se observa para os outros grupos ancestrais, demonstra uma progressão de ocupações operárias (blue collar)

à classe profissional (white collar). O envolvimento do grupo ancestral em construção e fabrico é mais baixo do que o do grupo imigrante. O grau de envolvimento em administração pública e ocupações governamentais encontra-se a níveis semelhantes

QUADRO 8
Estrutura ocupacional: grupo ancestral

	EUA	Brasil	Portugal	Grécia	Itália	Irlanda
OCUPAÇÃO						
Gestão profissional e ocupações relacionadas	34,0	19,8	31,3	44,1	39,0	38,4
Serviços	16,5	32,9	18,0	14,3	15,1	14,7
Vendas e escritório (ou sede)	25,9	15,5	26,2	26,9	28,7	27,7
Agricultura, pesca, e silvicultura	0,7	0,2	0,5	0,2	0,2	0,4
Construção, extracção, e manutenção	10,0	21,3	12,0	7,5	8,5	8,9
Produção, transporte, e movimento de material	13,0	10,4	11,9	7,0	8,5	10,1
INDÚSTRIA						
Agricultura, silvicultura, pesca, caça, e mineração	1,8	0,4	1,6	0,5	0,7	1,3
Construção	7,9	21,0	10,0	7,1	7,3	7,3
Manufacturário	11,6	6,1	10,9	7,3	8,9	10,1
Vendas a bruto e a retalho	14,9	9,6	15,0	15,3	15,7	15,1
Transporte, armazenamento e utilidades	5,0	3,8	4,9	3,9	4,4	4,7
Informação	2,5	2,0	2,5	3,2	3,0	2,9
Finanças, seguros, imobiliária e aluguer de longa duração	7,2	4,8	7,5	9,3	9,0	8,2
Profissional, científica, gestão administrativa e serviços de gestão de desperdício	10,1	13,0	9,3	11,7	11,2	10,6
Educação, saúde e serviços sociais	20,8	9,0	19,5	20,7	21,3	22,1
Artes, entretenimento, recreio, acomodação e serviço de alimentação	8,6	16,2	8,9	12,1	9,3	8,3
Outros serviços (excepto administração pública)	4,8	12,4	5,3	4,8	4,6	4,3
Administração pública	4,7	1,6	4,6	4,0	4,8	5,2
CLASSE DE TRABALHADOR						
Trabalhadores por conta de outros	78,6	83,1	78,5	78,0	78,8	77,8
Funcionários públicos	14,4	4,6	13,6	13,4	14,6	15,3
Trabalhadores por conta própria, sem negócio incorporado	6,8	12,0	7,7	8,3	6,5	6,6
Pessoas de família não pagas	0,2	0,3	0,2	0,2	0,2	0,2

FONTE: U.S. Census Bureau, 2006 American Community Survey.

àqueles dos outros grupos ancestrais europeus.

Embora a economia americana actualmente forneça menos empregos, a nível de entrada, na indústria transformadora, os luso-americanos não parecem estar a dar entrada em grandes números nas ocupações mais baixas

do sector dos serviços. Pelo contrário, parecem estar subindo para ocupações administrativas e profissionais e como tal podemos argumentar que estão a vivenciar uma trajetória de assimilação ascendente, embora uma análise a nível individual possa mostrar que alguns luso-americanos, em

particular os que não conseguiram sair dos guetos étnicos, se encontram numa situação económica semelhante ou mais precária do que a dos seus

pais ou avós. No agregado os luso-americanos encontram-se bem integrados a nível ocupacional na sociedade americana.

4.3.4. CIDADANIA

Para medir os níveis de integração política dos luso-americanos, teria de analisar a participação e os modelos de votação actuais deste grupo étnico. Embora o grupo imigrante não tenha atingido um nível de integração política elevado, o grupo ancestral encontra-se empregado em administração pública e ocupações governamentais a uma taxa semelhante à dos outros grupos europeus, mostrando uma integração progressiva dos luso-americanos no aparelho político. Os imigrantes portugueses têm opta-

do pela cidadania em números mais reduzidos do que os outros imigrantes europeus considerados neste artigo, mas a níveis mais elevados do que a média para todos os imigrantes nos Estados Unidos (QUADRO 9). Sem dúvida, taxas de cidadania mais baixas têm contribuído para um nível mais baixo de integração política dos imigrantes portugueses, embora os seus descendentes estejam a atingir níveis de integração política semelhantes à dos outros grupos étnicos europeus.

4.3.5. AMALGAMAÇÃO

As taxas de casamento intercultural não podem ser aferidas directamente de indicadores censitários, porém uma revisão dos dados sobre as raí-

zes ancestrais, reportadas nos censos dos Estados Unidos desde 1980, pode elucidar-nos sobre este assunto.

QUADRO 9

Taxas de cidadania por grupo imigrante e EUA

	EUA	Brasil	Portugal	Grécia	Itália	Irlanda
População total	299.398.485	345.535	1.442.077	1.380.258	17.829.184	35.975.855
Nascidos no estrangeiro	37.547.789	249.395	271.763	186.230	605.455	266.425
Percentagem nascida nos EUA	87,5	27,8	81,2	86,5	96,6	99,3
Percentagem nascida no estrangeiro	12,5	72,2	18,8	13,5	3,4	0,07
Percentagem de cidadãos naturalizados	42,0	20,1	55,6	78,8	65,4	60,4
Percentagem não cidadão	58,0	79,9	44,4	21,2	34,6	39,6

FONTE: U.S. Census Bureau, 2006 American Community Survey.

O QUADRO 10 mostra dados relacionados com os cinco grupos ancestrais, desde 1980 a 2005. Devido a restrições da imigração até 1965, no censo de 1980 verifica-se um número mais elevado de pessoas que se identificam com mais de uma raiz ancestral. À medida que os níveis de imigração foram aumentando de novo nos Estados Unidos, a percentagem indicando uma única ascendência aumentou. Em 1980, os irlandeses americanos, o grupo que começou a imigrar mais cedo para os Estados Unidos, indicaram uma percentagem bastante elevada de duas raízes ancestrais, seguidos dos italianos, portugueses, gregos e brasileiros. Em 2005, os irlandeses

QUADRO 10
Primeira e segunda ascendência por grupo étnico

	Primeira Ascendência	Segunda Ascendência	Pelo menos uma Ascendência	Percentagem com só uma Ascendência	Percentagem com duas Ascendências
Brasil					
1980	18.750	8.890	27.640	67,8	32,2
1990	57.108	8.767	65.875	86,7	13,3
2000	163.608	17.468	181.076	90,4	9,6
2005	277.148	26.407	303.555	91,3	8,7
Portugal					
1980	616.362	407.989	1.024.351	60,2	39,8
1990	900.060	253.291	1.153.351	78,0	22,0
2000	913.859	259.832	1.173.691	77,9	22,1
2005	1.021.805	357.642	1.379.447	74,1	25,9
Grécia					
1980	615.882	343.974	959.856	64,2	35,8
1990	921.782	188.591	1.110.374	83,0	17,0
2000	942.723	210.315	1.153.038	81,8	18,2
2005	1.041.561	249.820	1.291.381	80,7	19,3
Itália					
1980	6.883.320	5.300.372	12.183.692	56,5	43,5
1990	11.246.781	3.417.769	14.664.550	76,7	23,3
2000	12.836.020	2.799.547	15.635.567	82,1	17,9
2005	13.501.534	3.740.892	17.242.426	78,3	21,7
Irlanda					
1980	10.337.353	29.828.349	40.165.702	25,7	74,3
1990	22.695.454	16.040.085	38.735.539	58,6	41,4
2000	19.279.211	11.245.588	30.524.799	63,2	36,8
2005	21.580.761	13.087.962	34.668.723	62,2	37,8

FONTE: U.S. Census Bureau: United States Censuses, 1980, 1990, and 2000 and 2005 American Community Survey.

continuavam à frente, seguidos pelos portugueses, a 25,9 por cento, Italianos a 21,7 por cento, gregos a 19,3 por cento, e brasileiros a 8,7 por cento. Com a excepção dos irlandeses americanos, os luso-americanos são o grupo com a percentagem mais ele-

vada de casamento inter-étnico. Com o casamento intercultural e o nascimento de filhos que se podem identificar com mais de um grupo étnico, a identidade étnica fica cada vez mais diluída, aumentando, consequentemente, o nível de assimilação.

CONCLUSÃO

Os dados apresentados neste artigo demonstram que os imigrantes portugueses e os seus descendentes, apesar de não terem atingido níveis educacionais acima da média nos Estados Unidos, se encontram bem integrados e assimilados na sociedade americana. A população de origem portuguesa tem atingido níveis de rendimento comparáveis aos de outros grupos étnicos de origem europeia e continuam a fazer progresso na integração em ocupações profissionais e administrativas. A integração política também está a verificar-se, com uma percentagem de participação em emprego e administração pública comparável à de outros grupos de ascendência europeia. A integração biológica também é evidente, com quase de 26 por cento dos luso-americanos indicando uma ascendência dupla. Os luso-americanos continuam a exibir um nível elevado de concentração geográfica, mas novas interpretações da mobilidade espacial de outros grupos étnicos mais antigos, demonstram que

esses grupos mantiveram um nível de concentração espacial mais elevado, do que originalmente se pensava, não impedindo essa concentração a assimilação dos mesmos. Na Nova Inglaterra os luso-americanos têm sido considerados, diria estereotipadamente, não só a nível da opinião popular, mas também em alguns círculos académicos, como um grupo étnico pouco integrado na sociedade americana. Porém, os dados censitários, a nível nacional, apresentados neste artigo, indicam uma progressão numa trajectória de mobilidade social ascendente, característica de uma modalidade de incorporação como operários no mercado de trabalho do sector industrial da economia.

Novas interpretações da trajectória de assimilação de alguns dos grupos de imigrantes antigos demonstram que essa assimilação foi caracterizada por uma integração num mercado de trabalho manual. Os filhos de imigrantes, devido a habilidades linguísticas e culturais que a geração imigrante

não possuía, conseguiram obter empregos melhores do que os pais, mas dentro do contexto da classe trabalhadora. Os filhos dos imigrantes portugueses, em grande escala, estavam a seguir essa via de integração na sociedade americana, de progresso socioeconómico, em grande parte, no contexto das classes trabalhadoras e média baixa. Porém, a desindustrialização maciça dos fins da década de 1980 e início da década de 1990, alteraram essa trajectória de integração da segunda geração luso-americana. A teoria clássica de assimilação e a teoria de assimilação segmentada postulam que acesso da geração imigrante ao sector industrial foi um factor fundamental na assimilação ascendente vivenciada pelos filhos dos imigrantes antigos. Resta saber-se como os filhos dos imigrantes portugueses foram afectados pela desindustrialização da economia americana. Os dados apresentados neste artigo fornecem evidência de que os filhos dos imigrantes portugueses não entraram numa trajectória nem de estagnação ao nível dos pais, nem

de assimilação descendente, a partir do início da década de 1990. Pelo contrário, os dados fornecidos indicam que os descendentes da geração imigrante, em números substanciais, estão a avançar para ocupações típicas da classe média. É possível que muitos dos que perderam empregos nas fábricas tomaram vantagem de incentivos proporcionados pelo governo americano destinados ao retreino ocupacional e ao avanço educacional, completando o liceu e estudos técnicos ou universitários. A realização de um estudo, com o indivíduo como a unidade de análise, será necessária para explorar esta questão, com mais profundidade.

Tendo em conta o ponto de partida, isto é, os níveis baixos de capital individual e social das populações imigrantes portuguesas, o progresso socioeconómico desta população tem decorrido com celeridade. As boas notícias são que os luso-americanos encontram-se bem integrados na sociedade americana. Contudo, pergunto, isto é um fenómeno positivo ou negativo para Portugal e os Açores?

BIBLIOGRAFIA

ALLEN, J. P. e TURNER, E. (1996), "Spatial Patterns of Immigrant Assimilation", *The professional Geographer*, 48(2), pp. 140-155.

AVERITT, R. (1968), *The Dual Economy: the Dynamics of American Industry Structure*. New York, W. W. Norton.

- BONACICH, E. (1972), "A theory of ethnic antagonism: the split labor market", *American Sociological Review*, 37, pp. 547-59.
- BORGES, D. R. (2005) "Education and Ethnicity in Southeastern Massachusetts II: 1980: 200, Economic Development Research Series 59. Center for Portuguese Studies and Culture, University of Massachusetts Dartmouth.
- GALBRAITH, J. K. (1971), *The New Industrial State*. New York, NY, Mentor.
- GANS, H. (1979), "Symbolic ethnicity: the future of ethnic groups and cultures in America", *Ethnic and Racial Studies*, 2, pp. 1-20.
- GORDON, M. (1964), *Assimilation in American Life: The Role of Race, Religion, and National Origins*. New York, NY, Oxford University Press.
- MARGER, M. (2000), *Race and Ethnic Relations: American and Global Perspectives*, 5th ed., Belmont, CA, Wadsworth.
- PORTES, A. (2006), "Review essay, paths of assimilation in the second generation", *Sociological Forum*, 21 (3), pp. 499-504.
- PORTES, A.; FERNÁNDEZ-KELLY, P. e HALLER, W. (2005), "Segmented assimilation on the ground: the new second generation in early adulthood", *Ethnic and Racial Studies*, 28(6), pp. 1000-1040.
- PORTES, Alejandro; FERNÁNDEZ-KELLY, Patricia e HALLER, William (2009), "The Adaptation of the Immigrant Second Generation in America: A Theoretical Overview and Recent Evidence," *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 35 (7), pp. 1077-1104.
- PORTES, A. e RUMBAUT, R. G. (2006), *Immigrant America: a Portrait*, 3rd ed.. Berkeley, CA, University of California Press.
- PORTES A. e ZHOU, M. (1993), "The New Second Generation: Segmented Assimilation and Its Variants among Post-1965 Immigrant Youth", *Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 530, pp. 74-98.
- SCOTT, D. M. (2009), "Portuguese Americans' Acculturation, Socioeconomic Integration, and Amalgamation: How far have they advanced?", *Socio-logia, Problemas e Práticas*.
- WALDINGER, R. (2007), "Did Manufacturing Matter? The Experience of Yesterday's Second Generation: A Reassessment", *International Migration Review*, 41 (1), pp. 3-39.
- WALDINGER, R. e FELICIANO, C. (2004), "Will the new second generation experience 'downward assimilation'? Segmented assimilation re-assessed", *Ethnic and Racial Studies*, 27(3), pp. 376-402.
- WATERS, M., e JIMÉNEZ, T. (2005), "Assessing immigrant assimilation: new empirical and theoretical tools", *Annual Review of Sociology*, 31, pp. 105-25.
- WILSON, J. (1980), *The Declining Significance of Race*, 2nd ed., Chicago, IL, University of Chicago Press.
- WILSON, J. (1987), *The Truly Disadvantaged: The Inner City, the Underclass, and Public Policy*. Chicago, IL, University of Chicago Press.
- WILSON, J. (1996), *When Work Disappears: The World of the New Urban Poor*. New York, NY, Knopf.
- WILSON, K. L. and PORTES, A. (1980), "Immigrant enclaves: an analysis of the labor market experiences of Cubans in Miami". *American Journal of Sociology*, 86, pp. 295-319.
- ZHOU, M. (1997), "Segmented Assimilation: Issues, Controversies, and Recent Research on the New Second Generation", *International Migration Review*, 31 (4), pp. 0975-1008.

